NEGLIGÊNCIA EMOCIONAL NA INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Mônica Monaliza Santos Souza[1]

Márcio Rubens de Oliveira[2]

RESUMO: Tendo como referência a teoria dos cinco pilares da inteligência emocional descrita por Daniel Goleman, que são: a autoconsciência, o autocontrole, a automotivação, a empatia e a capacidade de saber se relacionar interpessoalmente, este estudo investigou os possíveis impactos da negligência emocional na infância e como ela pode influenciar no desenvolvimento das competências da inteligência emocional. A partir de uma revisão de literatura, que considerou pesquisas em bases de dados científicas e análises dos estudos sobre o tema, foi possível inferir que a negligência emocional é um dos tipos de maus tratos mais recorrente e que pode afetar não só o desenvolvimento da inteligência emocional, como também, causar prejuízos à saúde mental na infância, podendo desencadear psicopatologias e experiência de baixa satisfação durante a vida adulta, principalmente, se comparado com pessoas que não sofreram tais negligências.

Palavras-Chaves: Negligência infantil. Negligência emocional. Inteligência emocional.

INTRODUÇÃO

Segundo Moreschi (2018), a negligência infantil é a não ação ou omissão dos pais ou responsáveis quanto aos cuidados básicos na infância, tais como: a falta de alimentação, a falta de acesso à escola, a ausência de cuidados médicos, a não dispensação de cuidados de higiene, a negação, privação ou ausência de recursos materiais e/ou estímulos emocionais, etc. Os cuidados fundamentais são imprescindíveis para a garantia da integridade física e psicossocial da criança, sendo a sua negligência geradora de prejuízos importantes para o processo de desenvolvimento.

[1] Bacharela em psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco. Pós-graduada em Terapia Cognitivo Comportamental pelo Descomplica. Pós-graduanda em Intervenção ABA para Autismo e Deficiência Intelectual pela CBI of Miami. E-mail: monalizasouzapsi@gmail.com.

[2] Doutorando e Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Especialização em Neuropsicologia pela Faculdade Redentor – FACREDENTOR. Graduação em Psicologia pela Faculdade do Vale do Ipojuca – FAVIP. Docente de Psicologia na Faculdade Integrada Cete – FIC. E-mail: marciorubensoliveira1@gmail.com.

A negligência na infância tem sido considerada uma das formas mais recorrentes de maus-tratos e está inserida no conjunto das violências intrafamiliares, que além dela destacam-se também: violência psicológica, maus-tratos físicos e abuso sexual. Segundo o relatório anual sobre violações do Disque Direitos Humanos (Disque 100), do ano de 2019, os índices de violência e negligência contra crianças e adolescentes equivalem a 62.019 casos, sendo 36.304 de violência psicológica (MATA, 2016).

Apesar do número de ocorrências, ainda parece incipiente o enfoque de pesquisas sobre a negligência e seus impactos nas vidas das crianças vitimadas. Para melhor compreensão sobre este fenômeno, consideramos duas classes de negligências: a física e a emocional. A negligência física ocorre quando há uma omissão aos cuidados básicos para com a criança, como falta de higiene, alimentação inadequada, falta de vigilância – ao deixar a criança sozinha por longos períodos sem cuidados de adultos responsáveis –, falta de cuidados médicos, etc. (MATA, 2016). Já a negligência emocional ocorre quando os pais ou cuidadores não correspondem às necessidades emocionais da criança, mesmo que, de um modo geral, estejam sendo atendidas as necessidades básicas, como por exemplo, não validar sentimentos ou não responder às demandas emocionais da criança (ENGEL, 2021).

Nesse sentido, torna-se necessário compreender que a violência, em suas mais variadas formas, é considerada uma das maiores responsáveis pela manifestação de síndromes psiquiátricas. No caso da negligência emocional, a violência está associada ao não investimento emocional dos genitores ou pessoas de referência, de modo que estas podem demonstrar frieza, falta de empatia, não expressar qualquer sinal de amor, carinho ou valorização e, ainda, permitir a exposição da criança à violência física. Isso pode promover nela o desenvolvimento de distúrbios comportamentais, cognitivos, emocionais ou mentais (BOWLBY, 1989; LOPÉZ; VESGA, 2009; STOLTENBORGH et al., 2013).

Alguns estudos constataram que para a construção de boas relações e desenvolvimento saudável é necessário um tipo de inteligência que auxilie no gerenciamento das emoções, a fim de melhorar a saúde de um modo geral. Este tipo de inteligência foi denominado por Mayer e Salovey, em 1990, como inteligência emocional. Apesar de ser um tema valioso, ele só foi ampliado, cientificamente, alguns anos depois, com o desenvolvimento de instrumentos para a sua mensuração e teve seu conceito aprimorado e estudado por vários autores, como David

Caruso e Daniel Goleman, que trouxeram uma perspectiva teórica mais robusta e acadêmica (BUENO; PRIMI, 2003; GOLEMAN, 2011).

Para Goleman (2011), a inteligência emocional é um conceito novo se comparado a outro tipo de inteligência e está relacionado à capacidade da pessoa de criar suas próprias motivações, de persistir num objetivo apesar das dificuldades, de controlar impulsos e saber controlar o desejo de satisfação imediata, bem como, de se manter em bom estado de espírito e não permitir que a ansiedade interfira na capacidade de ter empatia, raciocinar e ter autoconfiança.

Sendo assim, é fundamental identificar situações que tenham potencial para exercer impactos no desenvolvimento da inteligência emocional, como é o caso da negligência emocional, principalmente, porque os agentes causadores são originados do e no ambiente familiar e na família. De acordo com dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), de 2017, sobre a violência familiar na vida das crianças e adolescentes, verificou-se que três em cada quatro crianças de 2 a 4 anos (cerca de 300 milhões no mundo) são regularmente submetidas a disciplinas violentas (punição física e/ou agressão psicológica) por suas mães, pais ou outras pessoas cuidadoras no interior de suas casas (UNICEF, 2017; BOULLIER; BLAIR, 2018).

Mães, pais e pessoas de referência são responsáveis não só pelo ambiente físico em que a criança está inserida, mas também pelo ambiente emocional e simbólico que precisam ser fortalecidos, possibilitando a vivência de experiências de cuidado, afetos e emoções. Tais responsabilidades são essenciais para despertar nas crianças o seu estatuto de sujeito. É fundamental que, mesmo antes do nascimento de uma criança, seja criado um ambiente aconchegante, de modo que o mesmo possibilite segurança, reconhecimento e pertencimento. Crianças e adolescentes terão maiores condições de vivenciar, com mais coragem e segurança, os processos do seu desenvolvimento físico e mental se o ambiente familiar for potencializador, acolhedor e seguro (VALENTE, 2013).

Tendo em vista o exposto, este estudo teve como objetivo analisar de quais formas a negligência emocional na infância pode afetar o processo de desenvolvimento da inteligência emocional e dessa forma conhecer como se dá a negligência emocional e suas principais consequências. Para isso foi considerada a teoria dos 5 pilares da inteligência emocional desenvolvida por Daniel Goleman, que são eles: a autoconsciência; o autocontrole; a

automotivação; a empatia e a capacidade de saber se relacionar interpessoalmente. Por fim, buscou-se analisar e correlacionar as consequências da negligência emocional com a construção inadequada da inteligência emocional na vida das crianças.

Na tentativa de contribuir de maneira mais informativa e relevante para o campo da Psicologia, bem como para mães, pais, pessoas de referência e para a sociedade de modo geral, além de possibilitar a ampliação do campo de estudo em relação ao tema, considerou-se o pressuposto de que, como destaca Winnicott (1983), a criança necessita de um ambiente que facilite a saúde mental e o desenvolvimento emocional, com condições suficientemente boas para a integração da personalidade e da independência, possibilitando o progresso da criança. Quando o contrário disso ocorre, identifica-se a geração de uma tendência à "destruição".

1 MÉTODO

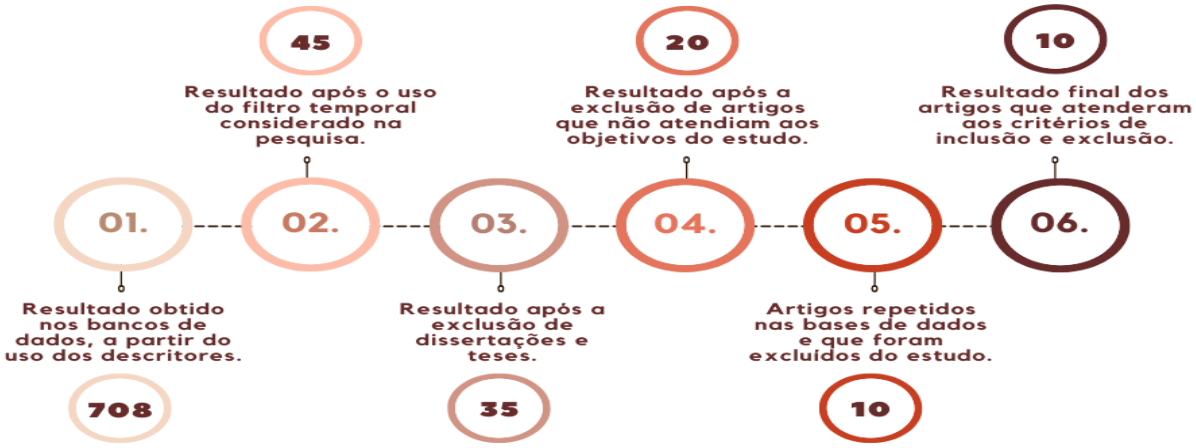
Este estudo consiste em uma revisão de literatura na qual foram elencadas pesquisas já publicadas, explorando de modo qualitativo os conceitos e pontos mencionados para a construção de uma análise mais atualizada. Foi utilizado o método indutivo, o qual tem como objetivo levar a conclusões mais amplas do que as das premissas nas quais se basearam. (Lakatos; Marconi, 2003)

A coleta do material contemplou artigos científicos das bases de dados Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC). Foram considerados critérios de inclusão para a seleção dos artigos, aqueles cujo recorte temporal fosse de publicações datadas dos anos de 2015 a 2022; além disso, também foram considerados artigos originais e de revisão de literatura em língua portuguesa, inglesa e/ou espanhola. Já os critérios de exclusão seguiram as seguintes especificidades: não foram incluídas dissertações, teses, além de artigos que se repetiram nas bases de dados e aqueles que não atenderam aos objetivos do estudo. Os descritores utilizados foram: "negligência emocional", "inteligência emocional" e "negligência infantil". Para a coleta de dados e seleção dos artigos foram utilizados os marcadores booleanos and e or.

Nas buscas realizadas nas bases de dados, a partir dos descritores, foram encontrados 708 artigos, sendo: 213 para "negligência emocional"; 156 para "inteligência emocional" e 264 para "negligência infantil". Com a aplicação dos marcadores booleanos, o resultado foi: 29 para

“negligência emocional and inteligência emocional”; 32 para “negligência emocional or inteligência emocional” e 14 para “negligência emocional and negligência infantil”. Após a aplicação dos filtros e dos critérios de inclusão e exclusão, 10 artigos se mostraram relevantes para os objetivos deste estudo, conforme o fluxograma do processo de seleção de dados (Figura 1).

FIGURA 1: FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS



Fonte: Elaborado pela autora e pelo autor.

Uma vez realizado o filtro dos dados coletados procedeu-se à leitura completa de cada um dos 10 artigos selecionados, a fim de evidenciar os conteúdos e analisar as contribuições mais relevantes para esta pesquisa. Para categorização dos achados, utilizou-se uma tabela contendo informações sobre ano de publicação, autores, base de dados, país do estudo e os métodos utilizados.

Na interpretação dos resultados, foi realizada uma análise e descrição das informações dos estudos selecionados, na perspectiva de atender aos objetivos propostos nesta revisão,

organizados de modo a estabelecer parâmetros referentes aos impactos da negligência emocional infantil no desenvolvimento de competências da inteligência emocional.

2 RESULTADOS

Apesar de o recorte temporal para a seleção dos artigos nas bases de dados consultadas considerar os anos de 2015 a 2022, os artigos selecionados para esta revisão foram publicados no período de 2015 a 2021, isso ocorreu porque não foram encontrados, até o encerramento desta pesquisa, artigos publicados no ano de 2022. As produções referentes aos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018 foi de 01 artigo em cada ano. Em 2019 não foi registrada publicação que atendesse aos nossos objetivos. Já em 2020, foram selecionados 04 artigos, e 02 em 2021, contabilizando 10 artigos.

O resultado destes dados demonstra que estudos sobre os impactos da negligência emocional no desenvolvimento das competências da inteligência emocional ainda são modestos, apontando crescimento no ano de 2020, mas reduzindo o seu quantitativo pela metade, no ano seguinte. Inclusive, o resultado de 2020 parece destacar um avanço atípico no interesse pela temática, o que pode estar relacionado a fatores que ultrapassam os limites desta pesquisa.

Os artigos selecionados apresentaram estudos com perspectivas metodológicas diversas e foram realizados em diferentes países, como: Brasil, Alemanha, China, Espanha, Colômbia e Inglaterra. Este resultado contribuiu para a importância e amplitude do tema, permitindo contemplá-lo a partir do recorte de diversos modos de análise e de contextos culturais, aspectos relevantes no sentido de obter um panorama mais abrangente sobre a questão em estudo. Fizeram parte da amostra desta pesquisa 03 estudos teóricos de revisão de literatura e 07 tiveram delineamento quantitativo, encontrados em sua maioria em revistas de psicologia e psiquiatria, conforme pode ser observado no quadro 1.

QUADRO 1. CATEGORIAZAÇÃO DOS ARTIGOS

Ano	Títulos	Autores	País de estudo	Periódico	Métodos Utilizados

2015	Malestar psicológico, disfunción familiar, maltrato de estudiantes durante la niñez en una universidad privada de Bogotá	Gómez et al.	Colômbia	Texto & Contexto - Enfermagem	Delineamento: Transversal Medidas: Adverse Childhood Experiences Questionnaire (ACE).10 e a Escala Kessler de Distúrbios Psicológicos (K10)
2016	Emotion dysregulation mediates the relationship between child maltreatment and psychopathology: A structural equation model	Jennissen et al.	Alemanha	Science direct	Delineamento: Transversal Medidas: The Childhood Trauma Questionnaire (CTQ), Questionário, Escala de Dificuldades na Regulação das Emoções (DERS), The Positive and Negative Affect Schedule (PANAS) E O breve inventário de sintomas (BSI;)
2017	Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância.	Mata, N. T., Silveira, L. M. B., Deslandes, S. F.	Brasil	Ciência & Saúde Coletiva	Delineamento: Qualitativo e bibliográfico.
2018	Repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta	Waikamp, V.; Barcellos, F.	Brasil	Ciências Psicológicas	Delineamento: Quantitativo, transversal, correlacional e explicativo Medidas: questionário sociodemográfico, Childhood Trauma Questio nnaire- CTQ) (Bernstein & Fink, 1998) e o Brief Symptom Inventory – (BSI)
2020	Emotional abuse and neglect: Time to focus on prevention and mental health consequences	Kumari, V.	Inglaterra	The British Journal of Psychiatry	Delineamento: Metanálise
2020	Adversidades na Infância: Associação a Fatores Protetivos e Sintomas Internalizantes na Adultez	Giordani, J. P., Lima, C. P., Trentini, C. M.	Brasil	Estudos & pesquisas em psicologia	Delineamento: Quantitativo, transversal e correlacional Medidas: Maltreatment and Abuse Exposure Scale (MAES), Depression, Anxiety and Stress Scale-21 (DASS-21), Social Readjustment Rating Scale (Holmes & Rahe, 1967)

2020	Relación entre el maltrato infantil y las habilidades de regulación emocional en adolescentes: una revisión sistemática	Bonet, Cristina; Palma, Carol; Gimeno-Santos, Mercè.	Espanha	Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes	Delineamento: Qualitativo e bibliográfico
2020	Associação entre traumas na infância e a representação de apego parental na vida adulta	Schmidt et al.	Brasil	Revista Brasileira de Psicoterapia	Delineamento: Quantitativo, transversal e correlacional. Medidas: Questionário sociodemográfico, Childhood Trauma Questionnaire – (CTQ) e o Parental Bonding Instrument – (PBI)
2021	The invisible scars of emotional abuse: a common and highly harmful form of childhood maltreatment	Gama et al.	Brasil	BMC Psychiatry	Delineamento: Transversal Medidas: Questionário de história de trauma (THQ), Lista de verificação de transtorno de estresse pós-traumático para DSM-5 (PCL-5), Questionário de Trauma na Infância - Formulário Curto (CTQ-SF).
2021	Childhood maltreatment and life satisfaction in adulthood: The mediating effect of emotional intelligence, positive affect and negative affect.	Xiang, Yanhui; Yuan, Rong; Zhao, Jiaxu	China	Journal of Health Psychology	Delineamento: Quantitativo Medidas: Questionário de Trauma na Infância (CTQ), Escala de Satisfação com a Vida de 5 itens, Escala de Inteligência Emocional Wong Law de 16 itens.

Fonte: Elaborado pela autora e pelo autor.

Em todas as pesquisas selecionadas os participantes foram apresentados pelo recorte binário de gênero: homens e mulheres, considerando variáveis como estudantes universitários, participantes de psicoterapias de abordagens psicodinâmica e psicanalítica. O maior quantitativo de participação nas pesquisas, considerando o recorte de gênero, foi de mulheres, com variação de idade entre 17 e 81 anos.

Em relação aos instrumentos utilizados nas pesquisas, destaca-se a utilização do Questionário de Trauma na Infância (CTQ), presente na maioria dos estudos com delineamento quantitativo. Esse instrumento é composto por 70 itens, possui uma escala controle de

minimização/negação das respostas e é responsável por investigar 5 componentes traumáticos: abuso físico, abuso emocional, abuso sexual, negligência física e negligência emocional.

Dentre os resultados encontrados nas pesquisas destacam-se aspectos relativos à alta prevalência da negligência emocional (N.E) em comparação com todos os outros tipos de maus-tratos; bem como de prejuízos da vivência da N.E à saúde mental e ao desenvolvimento de psicopatologias na vida adulta e a importância da inteligência emocional; a submissão a eventos traumáticos e baixa satisfação com a vida de pessoas negligenciadas. Além disso, observou-se que a N.E é pouco estudada devido à subnotificação, em comparação às outras formas de violência, reforçando os indícios de que é a violência mais frequente junto do abuso emocional.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE

Considerando os resultados obtidos através da análise dos artigos, evidenciou-se, na maioria dos estudos, relações significativas entre a negligência emocional sofrida na infância e o desenvolvimento de psicopatologias, assim como, dificuldades quanto às habilidades para o desenvolvimento da inteligência emocional na vida adulta. Esses aspectos serão discutidos nos tópicos que seguem:

3.1 Consequências da negligência emocional

No seu estudo, Giordani et al. (2020) declara que as adversidades mais relatadas e vivenciadas na infância são a negligência emocional e abuso emocional, mesmo quando são considerados diversos fatores proximais como a rede de apoio social e estressores recentes. Essas adversidades relacionadas ao abuso psicológico ainda parecem provocar prejuízo sobre a saúde mental, mesmo anos depois do ocorrido, até se comparadas a eventos estressores no último ano de vida do indivíduo. As adversidades permaneceram como variáveis explicativas na alteração do índice de sintomas internalizantes, contribuindo, inclusive, como modelo para eventos proximais de vida.

Gama et al. (2021), em sua pesquisa composta por 502 estudantes universitários com média de 21 anos de idade, mostrou que o abuso/negligência emocional apresentou o maior

impacto na amostra, causando um aumento de 40% no número médio de eventos traumáticos subsequentes, gerando assim, grande risco de revitimização até 12 anos após o evento traumático.

Assim, experiências adversas na infância têm sido descritas como eventos potencialmente traumáticos que podem ter efeitos negativos duradouros sobre a saúde e o bem-estar. Isso inclui não só o maltrato e o abuso, mas também viver em um ambiente prejudicial ao desenvolvimento saudável de uma criança (BOULLIER; BLAIR, 2018).

Por isso, Waikamp e Barcelos (2018) trazem a discussão de que os cuidados primários são essenciais para a estruturação psíquica e aquisição de habilidades de regulação afetiva, capacidade reflexiva e autonomia. E que, em contrapartida, vivenciar traumas e falhas graves na infância podem interromper ou alterar o curso do desenvolvimento saudável. Assim, foi identificado nesse estudo que os traumas vivenciados na infância corroboram para psicopatologias na vida adulta, tendo a negligência emocional maior incidência nos seus resultados, assim como, uma alta correlação com a depressão e ideação paranóide.

As questões ora destacadas levam à compreensão de que as relações com os cuidadores primários, durante o desenvolvimento inicial, interferem nas respostas emocionais e comportamentais ao longo da vida de um sistema comportamental que influencia as expectativas em relação a si e às outras pessoas, nas relações interpessoais, determinando respostas positivas, seguras, autônomas ou respostas negativas, de insegurança, etc. Isso faz referência às contribuições advindas da Teoria do Apego. O apego consiste em um tipo de vínculo no qual o senso de segurança está estreitamente ligado à figura de apego e será no relacionamento com esta que a criança pode experimentar segurança e conforto, formando assim uma “base segura” (BOWLBY, 1989).

Conforme Schmidt et al. (2020), é incontestável a existência de relação entre traumas na infância e sofrimento psicológico, o que pode ocasionar o aparecimento de sintomas na vida adulta. É importante registrar que a vivência e a manifestação de vivências traumáticas reverberam de formas diferentes quando considerado o recorte binário de gênero. Meninas demonstram historicamente um maior número de vivências traumáticas, principalmente relacionadas ao abuso sexual. Já os meninos apresentam mais resistência para relatar experiências traumáticas. Isso parece estar diretamente relacionado a questões de ordem cultural na construção dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres.

Para Jennissen et al. (2016), a negligência emocional afeta o processo da regulação emocional, havendo uma maior probabilidade do desenvolvimento de psicopatologias (WAIKAMP; BARCELOS, 2018; SCHMIDT et al., 2020; GAMA et al., 2021) tornando-se preditiva para a desregulação emocional, relacionando-se diretamente com a baixa satisfação com a vida e o desenvolvimento de esquemas mal adaptativos (XIANG; YUAN; ZHAO, 2021).

Nesse sentido, uma reflexão se impõe. Dependendo de quando as adversidades na infância foram vivenciadas, as emoções podem ainda não ter sido nomeadas e o reconhecimento do que se sente é fundamental para o desenvolvimento infantil. A partir da vivência no ambiente familiar com mães, pais e pessoas cuidadoras, as emoções vão sendo ensinadas, sentidas e aprendidas por meio da troca de gestos de carinho, da observação da criança em relação às ações dos seus responsáveis, entre outras coisas, a fim de que se consiga reproduzi-las e, assim, criar sua própria percepção e repertório, implicando:

> No curso de um desenvolvimento sadio, o comportamento de apego leva ao desenvolvimento de laços afetivos ou apegos, inicialmente entre a criança e o progenitor e, mais tarde, entre adulto e adulto. (BOWLBY, 2004, p. 38-39).

Isso corrobora com o que Gómez et al. (2015) destaca, ao descrever que mais de 50% da sua amostra, composta por 302 universitários, maiores de 18 anos, perceberam que apenas uma vez ou nunca experimentaram proximidade emocional ou vínculo com seus familiares e/ou cuidadores, apesar de estarem cercados de parentes que cuidavam deles.

A família é a principal instituição social e é chamada a proteger seus membros em decorrência da visão naturalizada de que esta é a sua função primeira, e quando a família não corresponde a esta visão é considerada disfuncional e responsável pela vulnerabilidade dos indivíduos a ela associados (GARCIA; OLIVEIRA, 2017).

A negligência emocional na infância tem um forte impacto na vida dos indivíduos, de acordo com Bonet, Palma e Gimeno-Santos (2020), principalmente, porque os agentes causadores são figuras que deveriam proteger e lhes ter grande demonstração de afeto, por isso, aumenta os riscos do indivíduo de desenvolver problemas de saúde mental, decorrentes desse tipo de negligência e outros tipos de maus-tratos na infância (GIORDANI et al., 2020; WAIKAMP; BARCELOS, 2018; KUMARI, 2020; SCHMIDT et al., 2020).

Kumari (2020) reconhece que é mais propício para os indivíduos negligenciados apresentarem sentimentos de desesperança, baixa autoestima, senso de apoio social reduzido,

alterações neurobiológicas nos sistemas de resposta ao estresse e déficits cerebrais estruturais e funcionais, além de maior risco de desenvolver distúrbios psiquiátricos como depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, sintomatologia suicida entre outros.

Assim, por ser caracterizada por atos ou omissões do cuidador, relativamente a aspectos emocionais e afetivos, a negligência emocional pode provocar na criança o desenvolvimento de distúrbios comportamentais, cognitivos, emocionais ou mentais. Além disso, é mais difícil de classificar do que a negligência física, já que o construto da negligência emocional está mais aberto à interpretação pessoal, sendo mais difícil de ser observada, uma vez que não deixa danos imediatamente visíveis nas crianças (STOLTENBORGH et al., 2013).

Por isso, as relações de apego vividas na infância contribuem de maneira importante para o amadurecimento necessário para viver a autonomia. É a partir de uma vivência saudável que o sujeito absorverá e compreenderá a importância do reconhecimento e expressão das suas emoções e as do outro, assim como, o que é melhor ou menos indicado reproduzir na sua vida (LOPÉZ; VESGA, 2009; VALENTE, 2013).

3.2 Aspectos do desenvolvimento da inteligência emocional

O processo de desenvolvimento da Inteligência Emocional (IE) pode ser pensado por diversas perspectivas. Para este estudo, a teoria baseia-se na perspectiva do livro: Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente, de Daniel Goleman (2011), que sugere 5 competências fundamentais para o desenvolvimento da IE, baseadas nos estudos de Mayer e Salovey, sendo elas: a autoconsciência; o autocontrole; a automotivação; a empatia e saber se relacionar interpessoalmente. Estas características refletem em um melhor bem-estar e um bom desenvolvimento das relações do sujeito consigo e com os outros.

Segundo Goleman (2011), o processo da autoconsciência ocorre quando o indivíduo consegue assentar de forma imparcial o que está ocorrendo em sua consciência, de modo a se ater com uma atenção plena, capaz de investigar as emoções e o que está sendo vivido e sentido no momento presente. Para que isso aconteça é necessário que o neocórtex esteja ativado, especialmente as áreas relacionadas à linguagem, auxiliando na identificação e nomeação das emoções que foram ativadas. Esse processo contribui para a regulação emocional.

Já a capacidade de manter o autocontrole relaciona-se com a habilidade de tolerar uma enxurrada de emoções que causam aflição. Mesmo diante de um cenário emocional intenso, o indivíduo consegue conter-se para alcançar um maior bem-estar. Emoções intensas e prolongadas têm o potencial de desestabilizar o indivíduo, sendo necessário buscar o equilíbrio — isto é, sentir a emoção e não ficar aprisionado a ela. "Atualmente, um sinal da capacidade de autocontrole emocional pode ser o reconhecimento de quando a agitação crônica do cérebro emocional é muito forte para ser superada sem ajuda farmacológica" (GOLEMAN, 2011, p. 112).

Similarmente, a automotivação está relacionada ao autocontrole emocional, pois, quando as emoções influenciam a concentração há uma interferência na memória funcional, que é a capacidade de captar todas as informações relevantes para executar uma tarefa. "Quando os circuitos límbicos que convergem no córtex pré-frontal estão tomados por angústia emocional, o ônus recai na eficácia da memória funcional" (Goleman, 2011, p.153). Assim, compreender a importância de conter a impulsividade e, em determinados momentos, adiar a satisfação imediata, possibilita alcançar objetivos com excelência.

No que se refere à empatia, a mesma está relacionada à capacidade de perceber sinais externos, mesmo que sutis, que demonstram o que os outros querem ou precisam, mesmo que isso não tenha sido verbalizado. Além disso, a empatia é nutrida pelo autoconhecimento; quanto maior a consciência sobre as próprias emoções, mais fácil será compreender os sentimentos dos outros. A incapacidade ou não desenvolvimento dessa habilidade pode ocasionar uma falha na compreensão das relações humanas (GOLEMAN, 2011).

Por fim, de acordo com Goleman (2011), a relação interpessoal está associada ao controle das emoções do outro, compreendendo que a expressão de determinada emoção pode causar impacto no outro, seja de forma positiva ou negativa. Portanto, é crucial desenvolver o amadurecimento, autocontrole e a empatia em si mesmo, pois déficits nessas competências podem resultar em desafios nas interações sociais, visto que, no contexto social há um consenso sobre quais sentimentos podem ser expressados de maneira apropriada em determinado momento e lugar. Entretanto, quando essas competências são bem desenvolvidas, elas possibilitam relacionamentos positivos, tanto pessoais quanto profissionais, além de mobilizar, inspirar e manter relações mais fluidas.

O desenvolvimento dessas habilidades é uma construção que se dá desde os primeiros anos de vida, iniciando-se na capacidade de estabelecer laços emocionais e íntimos com outros

indivíduos, na busca do acolhimento e do cuidado, sendo esse processo considerado traço principal do afetivo funcional da personalidade e saúde mental (BOWLBY, 1989).

3.3 Impactos da negligência emocional no desenvolvimento da inteligência emocional

De acordo com o estudo de Xiang, Yuan e Zhao (2021), as pessoas maltratadas são mais suscetíveis a uma menor inteligência emocional, experimentando menos emoções positivas e mais emoções negativas, julgando sentir-se menos satisfeitas com a vida do que as pessoas não maltratadas. Uma possibilidade é que uma criança abusada ou negligenciada corre o risco de ter competência emocional insuficiente, pois ao crescer em um ambiente desfavorável e estressante, pode ocorrer um bloqueio em seu desenvolvimento emocional.

Com isso, é possível perceber que o desenvolvimento de competências emocionais é algo de extrema relevância para a vida do sujeito, mas que necessita de tempo e de uma boa visão de si mesmo. Portanto, isso precisa ser fortalecido na construção da identidade pessoal desde a infância (FRANCO; SANTOS, 2015).

Desta forma, para um indivíduo que tem sofrido negligência emocional, há um alto risco de não conseguir construir essas habilidades, além de ter outros prejuízos a curto e a longo prazo. Segundo Stoltenborgh et al. (2013), os efeitos a curto prazo envolvem risco de comportamento de internalização e externalização, assim como, atrasos cognitivos e no desenvolvimento emocional. Enquanto isso, os efeitos a longo prazo estão relacionados ao abuso de substâncias, comportamento sexual de risco, comportamento violento, alta probabilidade de precisar de serviços sociais, não obter bem-estar econômico, entre outros.

Gama et al. (2021) reiteram que os maus-tratos na infância podem causar deficiências na capacidade de entender e regular emoções, além de aumentar o risco do desenvolvimento de Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) (JENNISSEN et al., 2016). De forma semelhante, o abuso/negligência emocional aparece como o mais forte preditor de desregulação emocional, conforme certificado por Bonet, Palma e Gimeno-Santos (2020), estando mais associado ao fraco desenvolvimento de habilidades adaptativas do que ao uso de estratégias desadaptativas**.**

Alguns componentes da inteligência emocional como regulação emocional, expressão emocional e ambos: impulsividade e empatia, apresentaram cargas em fatores tipicamente

relacionados às dimensões da personalidade como neuroticismo, extroversão e psicoticismo, cujos construtos já foram extensivamente demonstrados como independentes de habilidades cognitivas (BUENO; PRIMI, 2003).

Em sua investigação, Jennissen et al. (2016) mencionam que, entre os tipos de maus-tratos infantis examinados, houve maior incidência de casos de negligência emocional e que estes foram fortemente e uniformemente correlacionados com a desregulação emocional, demonstrando que o acesso limitado a estratégias de regulação emocional foi, possivelmente, o campo da desregulação emocional que mais se relacionou com a psicopatologia (BONET; PALMA; GIMENO-SANTOS, 2020). Sendo a falta de consciência emocional uma dimensão que é menos incluída nos diagnósticos e, portanto, menos esperada para resultar em uma correlação superestimada com a psicopatologia.

Goleman (2011) afirma que durante a infância inicia-se a aprendizagem emocional e o indivíduo aprimora essas habilidades ao longo de sua trajetória de vida. A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dessas competências emocionais, permitindo alcançar a compreensão das relações internas e externas, bem como, reagir aos sentimentos de forma saudável, interpretando e expressando expectativas e temores, por exemplo.

Nos achados de Bonet, Palma e Gimeno-Santos (2020), encontrou-se uma relação entre abusos/maus tratos na infância e habilidades de regulação emocional em sua amostra composta por adolescentes. Além disso, destacou-se a relevância disso no desenvolvimento de problemas associados a transtornos psicológicos, sendo os sintomas internalizados e a automutilação os mais explorados**.** Reforçando a importância de abordar estratégias emocionais naqueles que sofreram maus-tratos durante esse estágio crítico do desenvolvimento, a fim de evitar as consequências negativas dos maus-tratos.

Nesse contexto, a teoria winnicottiana sugere que a criança que recebe apoio nos estágios iniciais, principalmente em seu lar, desenvolve a capacidade de autocontrole, formando o que vem a ser denominado de “ambiente interno”, com uma tendência para explorar meios positivos. A criança que não teve esse suporte, para criar um bom “ambiente interno”, necessita absolutamente de controle externo para conseguir ser feliz e desenvolver a capacidade de brincar ou, na perspectiva do futuro, de trabalhar (WINNICOTT, 1994).

Para Giordani et al. (2020), a vivência da negligência emocional e maus-tratos pode resultar em prejuízos na vida adulta, afetando a percepção da rede de apoio pelo sujeito e

impactando seus relacionamentos interpessoais. Essa interferência, conforme destacado por Goleman (2011), estende-se a diversas áreas, como trabalho e relacionamentos amorosos. Crianças que enfrentaram adversidades na infância estão em risco elevado de desenvolver algum transtorno mental internalizante, como ansiedade ao longo da vida, quando comparadas a indivíduos que não foram expostos a tais situações.

Todas as relações vividas desde o nascimento da criança – alegrias, incertezas, frustrações, amorosidade, ternura e limites – são como uma espécie de bolsa individual de memórias, à qual o indivíduo recorre na vida adulta diante dos desequilíbrios da vida. Pode ocorrer que, na busca das recordações e ensinamentos guardados, não se encontrem elementos de suporte que impliquem nas tomadas de decisões, de permanência ou distanciamento de determinada circunstância (VALENTE, 2013).

Portanto, no desenvolvimento da inteligência emocional é necessário que o sujeito tenha a capacidade de criar motivações para si e de persistir em um objetivo, apesar das dificuldades. Isso envolve controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos, manter-se em bom estado de espírito e impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; além de ser empático e autoconfiante. Um déficit na construção da relação do sujeito com essas competências e com o seu meio interfere nas suas relações e na sua saúde mental (GOLEMAN, 2011).

O que se torna evidente é que, mesmo diante de informações tão importantes trazidas até aqui, ainda existem poucos estudos voltados diretamente para a negligência emocional. Este é um construto amplo que necessita de maior visibilidade. A sua subnotificação, comparada a outros tipos de maus-tratos infantis, pode estar associado ao fato de suas marcas não serem imediatamente visíveis aos olhos (Stoltenborgh et al., 2013; Giordani et al., 2020). Além disso, o estilo parental, a desinformação sobre negligência emocional, a cultura, entre outros fatores, pode estar corroborando para a continuidade dessa prática, a qual pode causar danos profundos ao indivíduo (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017; LOPÉZ; VESGA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos aspectos destacados na literatura é possível afirmar que a negligência emocional na infância pode impactar o desenvolvimento das competências da inteligência

emocional. Isso ocorre, principalmente, devido à predisposição a um déficit no processo de regulação emocional, elevando as chances de diversos prejuízos à saúde mental da criança, comportamentos de risco e baixa satisfação com a vida adulta.

Dessa forma, compreender os aspectos das violências interpessoais, principalmente, a negligência emocional, é crucial para proporcionar maior visibilidade. Isso não apenas viabiliza um desenvolvimento saudável e satisfatório, não só para fins de monitoramento, mas também para garantir que haja o cumprimento das leis de proteção e direitos das crianças e adolescentes. É imperativo buscar maior apoio governamental na implementação de projetos e pesquisas que auxiliem no processo de conscientização de mães, pais, responsáveis e pessoas de referência. Além disso, é essencial garantir os subsídios necessários para o fornecimento de suporte psicológico às famílias e crianças vitimadas.

A pesquisa realizada proporciona informações e discussões significativas sobre a temática proposta, tornando-se um material significativo para estudos no âmbito dos conhecimentos e práticas em Psicologia. Não se buscou esgotar o tema, pois durante a execução da pesquisa foram identificadas limitações, das quais destacamos o baixo número de estudos sobre a negligência emocional relacionada ao desenvolvimento das competências da inteligência emocional. Além disso, o uso de descritores em língua portuguesa pode ter limitado a identificação de outros estudos.

No que se refere à perspectiva para futuras pesquisas podem ser considerados estudos mais específicos à realidade brasileira, o que não foi possível, neste momento, pela baixa produção científica publicada sobre o tema, nas bases de dados consultadas. Assim, torna-se necessário que outras pesquisas continuem a estudar este fenômeno, a fim de uma maior ampliação e popularização deste tema, principalmente, considerando o cenário do Brasil, historicamente marcado por contextos de relevantes e variadas violências contra crianças e adolescentes, como apontaram os dados do Disque Direitos Humanos.

EMOTIONAL NEGLECT IN CHILDHOOD AND ITS IMPACTS ON THE DEVELOPMENT OF EMOTIONAL INTELLIGENCE COMPETENCIES

ABSTRACT: This study investigated the possible impacts of emotional neglect in childhood and how it can influence the development of emotional intelligence skills, based on the 5 pillars

described by Daniel Goleman: self-awareness, self-control, self-motivation, empathy and capacity to know how to relate interpersonally. From a literature review, which included studies in scientific databases and used the interpretation and analysis of studies on the subject, it was possible to investigate and reach the results, in which they revealed that emotional neglect is one of the types of abuse more recurrent and that can affect not only the development of emotional intelligence, but also cause damage to the individual's mental health, with a greater tendency to develop psychopathologies and have a low satisfaction with life as adults, especially when compared to people who have not suffered such negligence.

Keywords: Child neglect. Emotional neglect. Emotional intelligence.

REFERÊNCIAS

BONET, C.; PALMA, C.; GIMENO-SANTOS, M. Relación entre el maltrato infantil y las habilidades de regulación emocional en adolescentes: una revisión sistemática.**Rev. psicol. clín. niños adolesc,** v. 7, n. 2, pp 63-76, mai. 2020 doi:10.21134/rpcna.2020.07.2.8 Disponível em: <https://www.revistapcna.com/sites/default/files/010.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BOULLIER, M.; BLAIR, M. Adverse childhood experiences. **Science Direct**, v. 28, n. 3, p. 132-137, março, 2018. https://doi.org/10.1016/j.paed.2017.12.008 Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1751722217302913>. Acesso: em 05 out. 2021.

BOWLBY, J. **Apego e Perda: Tristeza e Depressão**. v.3 da trilogia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BUENO, J. M. H.; PRIMI, R. Inteligência emocional: um estudo de validade sobre a capacidade de perceber emoções. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, 2003 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200008.> acesso em: 07 ago. 2021.

ENGEL, B. Child Abuse/Neglect Can Predict Emotional Abuse in Adults. **Psychology today**. Fev. 2021. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-compassion-chronicles/202102/child-abuseneglect-can-predict-emotional-abuse-in-adults>. Acesso em: set. 2021.

FRANCO, M. S.; SANTOS, N. N. Desenvolvimento da Compreensão Emocional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31 n. 3, p. 339-348, Jul-Set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/z46nh6ghBCgJMsPSHWtVgpJ/#>. Acesso em: 22 mai. 2021.

GAMA, C.M.F. et al. The invisible scars of emotional abuse: a common and highly harmful form of childhood maltreatment. **BMC Psychiatry,** v. 21, n. 156, mar. 2021. https://doi.org/10.1186/s12888-021-03134-0 Disponível em: <https://bmcpsychiatry.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12888-021-03134-0>. Acesso em: 17 março em 2022.

GARCIA, J.; OLIVEIRA, C. Aspectos da (des)proteção de crianças e adolescentes no Brasil uma leitura sobre as demandas dirigidas aos Conselhos Tutelares. **SER Social**, v. 19, n. 40, p. 146-167, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14676>. Acesso em: 20 out. 2021.

GIORDANI, J. P.; LIMA, C. P.; TRENTINI, C. M. Adversidades na Infância: Associação a Fatores Protetivos e Sintomas Internalizantes na Adultez. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n.3, p. 899-918, set-dez, 2020. doi:10.12957/epp.2020.54356 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/54356/35019>. Acesso em: 9 março 2022.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GÓMEZ, J. D. et al. Malestar psicológico, disfunción familiar, maltrato de estudiantes durante la niñez en una universidad privada de Bogotá, Colombia. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. v. 24, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015001030014>. Acesso em: 10 março 2022.

JENNISSEN. S. et al. Emotion dysregulation mediates the relationship between child maltreatment and psychopathology: A structureal equation model**. Science Direct**, v. 62, p. 51–62, out. 2016. http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.10.015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S014521341630240X?via%3Dihub>. Acesso em: 7 abril 2022.

KUMARI, V. Emotional abuse and neglect: Time to focus on prevention and mental health consequences. **The British Journal of Psychiatry**, v. 217, n. 5, p. 597-599, sept. 2020

doi:10.1192/bjp.2020.154 Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/emotional-abuse-and-neglect-time-to-focus-on-prevention-and-mental-health-consequences/78DB0D87F7EA395AFCCD8478D870C34A>. Acesso em: 10 abril 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Cientifica**: 5. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2003.

LÓPEZ, G. C. H.; VESGA, M. C. G. Interacción familiar y desarrollo emocional en niños y niñas. **Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud,** v. 7, núm. 2, pp. 785-802, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77315614009>. Acesso em: 08 ago. 2021.

MATA, N. T**. Afinal o que é negligência? Um estudo sobre negligência contra crianças**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:< https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19468>. Acesso em: 15 set. 2021.

MATA, N. T.; SILVEIRA, L. M. B.; DESLANDES, S. F. Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância**. Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 22, n. 9, p. 2881-2888, maio, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.13032017>. Acesso em: 8 Novembro 2021.

MAYER, J. D. & SALOVEY, P. **What is emotional intelligence? Emotional development and emotional intelligence: Implications for Educators**. New York: Basic Books. pp. 3-31, 1997.

MORESCHI, M. T. (Org.). **Violência contra crianças e adolescentes: análise de cenários e propostas de políticas públicas**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas-2.pdf>.

Relatório disque direitos humanos. Equipe da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. (ONDH), 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-2019_disque-100.pdf >. Acesso em: 13 out. 2021.

SCHMIDT, F. M. D. et al. Associação entre traumas na infância e a representação de apego parental na vida adulta. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 22, n. 2, ago. 2020. Disponível

em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v22n2a01.pdf> Acesso em: 28 mar. 2022.

STOLTENBORGH, M., BAKERMANS-KRANENBURG, M. J., & van IJZENDOORN, M. H. The neglect of child neglect: a meta-analytic review of the prevalence of neglect. **Social psychiatry and psychiatric epidemiology**, v. 48 n. 3, p. 345-355, 2013. DOI 10.1007/s00127-012-0549-y Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00127-012-0549-y>. Acesso em: 13 out. 2021.

UNICEF. **A familiar face: violence in the lives of children and adolescents- 2017**. New York. Disponível em <https://www.unicef.org/reports/familiar-face>. Acesso em: ago. 2021.

VALENTE, J. **Família acolhedora: as relações de cuidado e de proteção no serviço de** acolhimento. São Paulo: Paulus, 2013.

WAIKAMP, V. BARCELLOS, S. F. Repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta. **Cienc. Psicol**, v. 12, n. 1, p. 137-144, março, 2018. http://dx.doi.org/10.22235/cp.v12i1.1603. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212018000100137&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 10 março 2022.

WINNICOTT, D, W. Provisão para a criança na saúde e na crise. In **O ambiente e os processos de maturação.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1983.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinqüência**. Rio de Janeiro. Martins Fontes, 1994, 2ª ed.

XIANG, Y. YUAN, R. & ZHAO, J. Childhood maltreatment and life satisfaction in adulthood: The mediating effect of emotional intelligence, positive affect and negative affect. **Journal of Health Psychology**, v. 26, n. 1, abril. 2021. https://doi.org/10.1177/1359105320914381 Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1359105320914381> Acesso em: 21 março 2022.